

## Weg von zu Hause (Out Of Home)

Als ich eingeladen wurde, über „mein São Paulo“ zu schreiben, fragte ich mich: Was kann ich über eine Stadt schreiben, die mir zwar sehr wichtig ist, aus der ich aber vor über 30 Jahren weggezogen bin? Da merkte ich plötzlich, daß ich die Häuser, in denen ich als Kind wohnte, und die Straßen und Viertel meiner Jugend nie ganz verlassen habe.

Was mir im Rückblick auf diese Zeit als erstes in den Kopf kommt, ist der Schrecken einer lebensgefährlichen Situation. Als Vierjährige rannte ich nämlich einmal einem Ball hinterher und wäre dabei vor unserem Haus in der Rua Tavares Cabral fast überfahren worden. Dabei war es eigentlich eine ruhige Straße, in der unser weiß verputztes Haus mit den Fifties-Möbeln stand. Es waren aber nur einige wenige Meter bis zur Kreuzung Avenida Faria Lima und Avenida Rebouças und entnerve Fahrer versuchten dem starken Verkehr zu entkommen, indem sie eine Abkürzung durch unser Sträßchen nahmen. Es fehlten nur wenige Millimeter zwischen dem weißen VW Käfer und meinem kleinen, zerbrechlichen Körper. Ich überlebte, ohne die Gefahr zu spüren, und sah nur die fassungslosen Gesichter des Kindermädchens und des Paares hinter dem Steuer. Ich erinnere mich, daß ich mich stark fühlte, weil ich das Auto im richtigen Moment angehalten hatte.

Unser zweites Haus befand sich in der Straße Pedroso de Moraes, an der Praça dos Omaguás auf Höhe der Padaria Cisne. Ich war dort nur selten auf der Straße – außer zum Süßigkeitenkaufen beim Bäcker oder einmal zum Besuch eines Musik-Festivals in der Grünanlage. Mein Bruder und ich waren meistens im Hinterhof, wo wir durch eine hohe Mauer und ein mächtiges, zur Straße hin blickdichtes Holztor an einem Ort mit wenig Grün eingeschlossen waren. Ich fühlte mich wie Dornröschen: Draußen war eine lebendige Welt voller Wunder, Geheimnisse und interessanter Leute, die entdeckt werden wollte – und wir mußten unsere Zeit in diesem langweiligen Hinterhof verbringen. Einen Ausweg bot schließlich der Gang ins Internat. Meine Eltern hatten sich aus wirtschaftlichen Gründen entschlossen, ihre Geschäfte in der Stadt zu verkaufen, um eine Auto-Niederlassung im Landesinneren zu betreiben, wohin sie schließlich auch umzogen. Jedoch weigerte ich mich mit meinen 13 Jahren, São Paulo zu verlassen – eine Stadt, die ich so gerne kennenlernen wollte. Ich hätte alles getan, um zu bleiben, und so bot sich als einzige Möglichkeit das Internat Santa Marcelina an, dessen Mauern jedoch noch höher als die unseres Hinterhofs waren. Das Leben mit Nonnen erwies sich dann auch schnell als eine Hölle auf Erden. Wegen schlechten Benehmens bekam ich am Wochenende Hausarrest und konnte ebensowenig etwas von der

Stadt erleben wie vorher. Nach einem Jahr verließ ich resigniert das Internat und zog zu meinen Eltern, danach ging ich für ein Jahr zu meinem Onkel nach Chicago, um Englisch zu lernen.

Erst mit 19 Jahren kam ich wieder zurück in die Stadt. Ich zog zu meiner geliebten Großmutter in die Rua Bela Cintra – bis heute mein Lieblingsquartier und „mein São Paulo“. Von dort aus eroberte ich schließlich die Attraktionen dieser Stadt, überwand meine Ängste und riß alle Mauern nieder, die mich von den Straßen trennten, an deren Leben ich so gerne teilhaben wollte. Zusammen mit drei oder vier Freunden ging ich täglich um Mitternacht zu Fuß in die Stadt. Jede Nacht den Weg von der Uni in Pacaembú ins Zentrum, von der Avenida Paulista zur Rua da Consolação, hin zur berühmt-anrühigen Bar das Putas, die zwar mit den schlechtesten Sandwiches der Stadt aufwartete, die aber zu dieser Zeit auch von einer intellektuellen Szene besucht wurde, die sich gerne unter das Rotlicht-Publikum mischte. Apropos Bar das Putas: Daß es ein paar Blöcke weiter ein Restaurant namens Sujinho (Drecksplatz) gibt, das so erfolgreich ist, daß es mit einer weiteren Filiale auf die andere Straßenseite expandieren kann, das gibt es nur in São Paulo. Offensichtlich war es nicht der Name, der es so erfolgreich machte. Das alles kommt mir in den Sinn, wenn ich das Photo sehe, das in der Avenida Paulista in der Nähe der Rua Frei Caneca und von der Rua Cannabrava aufgenommen wurde. Es zeigt die nächtliche Großstadt, voller Lichter, fröhlich und jung. Diese Szene ist mir so vertraut, daß sie – sähe man die aktuellen elektronischen Geräte nicht – auch einen Moment aus meiner Vergangenheit zeigen könnte.

*Cristina Barroso*

## Fora de Casa (Out Of Home)

Quando recebi o convite para escrever sobre a “minha São Paulo”, me perguntei o que poderia dizer sobre a cidade que é tão importante para mim, mas de onde saí há mais de 30 anos. Na verdade, nunca deixei São Paulo, as casas onde morei, as ruas e os bairros da minha infância e adolescência.

A primeira impressão dessa época que me vem à cabeça é de alívio e sobrevivência. Aos 4 anos, saí correndo atrás de uma bola e um carro quase atropelou na frente de casa, na rua Tavares Cabral. Uma rua calma, com a casa de cerquinha branca, mobiliada no estilo da década de 50. Só que ficava a poucos metros do cruzamento das avenidas Faria Lima e Rebouças, do qual, para evitar o trânsito, motoristas nervosos fugiam, fazendo um atalho por nossa ruazinha pacata. Poucos milímetros separaram o Fusquinha branco de meu corpo pequeno e frágil. Sobrevivi sem notar o perigo, vi somente a expressão incrédula no rosto da babá e do casal atrás do volante, e lembro de me sentir poderosa por ter feito o carro parar na hora certa.

Nossa segunda casa ficava na rua Pedroso de Moraes, em frente à praça dos Omaguás e à padaria Cisne. Além das poucas visitas à padaria para comprar doces e a ida a um festival de música popular brasileira na pracinha, tive pouco contato com a rua. Meu irmão e eu ficávamos só no quintal da casa, um lugar de pouco verde e com um muro enorme, fechado por um portão de madeira branca maciça que velava toda a visão da rua. Me sentia como a princesa presa na torre dos contos de fadas. Lá fora existia um mundo cheio de vida, de maravilhas a descobrir, mistérios, perigos, gente interessante, tudo menos o tédio que residia naquele fundo de quintal. De lá, fui me confinar no interior das paredes ainda mais altas do colégio interno. Foi minha a decisão de morar com as freiras da rua Cardoso de Almeida. Meus pais tinham decidido, por motivos econômicos, vender todos os negócios na cidade e concentrar tudo em uma agência de carros no interior, para onde resolveram se mudar. Eu, com os meus 13 anos, me recusei a sair de São Paulo, a cidade que tanto queria conhecer melhor. Faria qualquer negócio para ficar e a única possibilidade foi o colégio interno Santa Marcelina. Logo percebi que seria um verdadeiro inferno morar com as freiras. Elas me tiravam os finais de semanas livres e me prendiam no interior do colégio por mau comportamento. Resignada, depois de um ano sem poder usufruir nada da cidade, saí para morar com os meus pais, primeiro, e depois com meus tios, em Chicago, para aprender inglês por um ano.

Somente aos 19 anos voltei para São Paulo. Foi quando me mudei para o apartamento da minha

querida avó na rua Bela Cintra, até hoje o meu bairro na “minha São Paulo”. Foi lá que eu finalmente conquistei o melhor da cidade, superei os medos e consegui derrubar todos os muros que me separavam das ruas de que tanto queria participar. Virou cotidiano andar à pé pela cidade no meio da noite com uma turma de três ou quatro amigos, fazendo o caminho da faculdade, no Pacaembu, até o centro. Depois, da avenida Paulista à rua da Consolação, passando pelo famoso Bar das Putas, do pior sanduíche da cidade, mas que reunia, na época, um público intelectual misturado com aquelas que lhes deram nome. Por falar nisso, só mesmo São Paulo para ter um restaurante a poucos quarteirões dali com o nome de Sujinho. Ele fez tanto sucesso que foi aberta uma filial do outro lado da avenida. Obviamente, o que fez o lugar não foi o nome. Tudo isso me veio a cabeça quando vi essa foto, tirada na avenida Paulista, na altura da rua Frei Caneca, pelo Cannabrava. Mostra a cidade grande, cheia de luzes, noturna, alegre e jovem. Tudo isso reflete uma cena tão familiar. A foto é de agora, mas, não fossem os aparelhos eletrônicos, poderia ser de minha situação no passado.

*Cristina Barroso*

## Out Of Home

After receiving the invitation to write about “my São Paulo”, I asked myself what could I write about a city that is so important to me, but that I had left over 30 years ago. The reality is that I never left São Paulo, the houses where I lived, the streets and neighborhoods or my childhood and adolescence.

One of my first memories back then is of relief and survival. When I was 4 years old, I ran after a ball and was almost run over by a car in front of my home on Tavares Cabral Street. A quiet street, with a white-fenced house, furnished with a 50s style. But it was a few meters from the intersection of avenues Faria Lima and Rebouças, from where nervous drivers tried to escape by taking a detour through our peaceful little street. Few millimeters separated the white Beetle from my small and fragile body. I survived without being aware of the danger, only seeing the look of disbelief in the nanny’s face and of the couple behind the wheel. I recall feeling powerful for making a car stop at the right time.

Our second home was in Pedrosa de Moraes Street, facing Omaguás Square and the Cisne bakery shop. Besides the few visits to the bakery to buy sweets and the square to watch a Brazilian music festival, I had little contact with the street. My sister and I stayed alone in the house’s backyard, a place of little greenery and a huge wall, closed by a massive white wood gate that shut out the street view. I felt like a princess prisoner in a fairy tale tower. Outside there was a world filled with life, of wonders to discover, mysteries, danger, interesting people, everything but the tedium residing in that backyard. From there, I was confined within the even taller walls of a boarding school. It was my choice to live with the nuns of Cardoso de Almeida street. My parents had decided for economic reasons to sell all businesses in the city and focus everything on a car agency upstate, to where they moved. At 13 years, I refused to leave São Paulo, the city that I wanted so much to know better. I would do anything to stay and the only possibility was the Santa Marcelina boarding school. Soon I realized that living with nuns would be a true hell. They robbed me of the free weekends and locked me inside the school for bad behavior. In despair after one year without enjoying anything of the city, I left to first live with my parents then with my aunt and uncle in Chicago for a year to learn English.

It was only at 19 that I returned to São Paulo. That was when I moved to the apartment of my dear grandmother on Bela Cintra Street, to this day my neighborhood in “my São Paulo”. It was there that I finally conquered the best the city had to offer, overcame my fears and managed to bring down all

the walls separating me from the streets I wanted so much to take part in. It became commonplace to walk through the city in the middle of the night with three or four friends, making the way from college in Pacaembu to downtown. Then, from Paulista Avenue to Consolação Street, passing by the famous Bar das Putas, offering the worst sandwich in the city but attracting at the time intellectual patrons that mixed with the sex workers that name it. By the way, only São Paulo can have a restaurant a few blocks from there named Sujinho (Litter Lout). It became so successful that a branch was opened on the other side of the avenue. The name obviously was not what made the place a success.

It all came to my mind when I saw the picture, taken at Paulista Avenida with Frei Caneca Street, by Cannabrava. It shows a big city, filled with lights, nocturnal, happy and young. It all reflected such a familiar scene. The picture is recent, but if it were not for the electronic gadgets, it could have been my own past experience.

*Cristina Barroso*